
*Parada gay de Pelotas nas páginas do nuances:
imprensa, visibilidade e política*

*Pelotas pride parade in the nuances magazine's pages:
press, visibility and politics*

*Fabiano Pretto Neis**
*Fábio Vergara Cerqueira***

Resumo: O presente artigo é fruto da comunicação apresentada na II Jornada da Diversidade Sexual da Universidade Federal de Pelotas. Tem como objetivo analisar, através do jornal do Grupo *Nuances*, o percurso da Avenida da Diversidade (Parada Gay) na cidade de Pelotas, tendo como recorte temporal os anos de 2002 a 2006. De uma forma abrangente, o artigo aborda o contexto do surgimento dos movimentos LGBT, a partir de 28 de junho de 1969 e a imprensa alternativa como ferramenta para a visibilidade destes movimentos.

Palavras-chave: diversidade sexual; avenida da diversidade; movimento homossexual; Jornal do Nuances, Pelotas.

Abstract: This article is the result of the paper presented at the Second Seminar of Sexual Diversity at the Federal University of Pelotas. It aims to analyze, through the review of the *Nuances* group, the emergence of the Avenue of Diversity (Gay Parade) in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, during the years 2002-2006. Comprehensively, one discusses the context of LGBT movements' emergence from June 28, 1969 and the alternative press as a tool for visibility of such movements.

Keywords: sexual diversity; avenue of diversity; homosexual movement; Journal of the Nuances, Pelotas.

* Licenciado em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPel, na linha de pesquisa Sociedade e Cultura. *E-mail:* fabiano.prettoneis@gmail.com

** Doutor em Antropologia Social, com concentração em Arqueologia Clássica, pela USP. Professor Associado no Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). *E-mail:* fabiovergara@uol.com.br

Introdução

A presente contribuição tem como objeto elaborar algumas reflexões sobre os sentidos das narrativas relacionadas à realização de Parada *Gay* na cidade de Pelotas, no período de 2002 a 2006, registradas nas páginas do jornal *Nuances*. O estudo se desenvolve ao longo de cinco seções, avançando e cercando o problema a partir de perspectivas complementares.

Na primeira seção, como ponto de partida, apresentamos um histórico do Grupo *Nuances*, enfocando sua formação, sua atuação, projetos e, destacadamente, sua atuação editorial, por meio de seu impresso, o jornal *Nuances*, ferramenta para, politicamente, dar visibilidade à cena *gay*, como forma de contribuir para a livre expressão sexual. Aponta-se a prioridade, no presente estudo, que assumem os exemplares destes jornais, como fonte histórica, para conhecimento dos passos dados em nosso estado pela “comunidade *gay*”, nas duas últimas décadas, com seus “avanços” e embates, internos e externos. Para melhor compreensão da dimensão histórica do surgimento do *Nuances* no Rio Grande do Sul, na década de 1990, expomos muito brevemente o contexto de surgimento dos movimentos *gays* a partir de Stonewall, nos Estados Unidos, no final da década de 1960, e seus desdobramentos no Brasil, a partir dos anos 1970.

Na sequência, buscando caracterizar a natureza e fins do periódico em estudo, traçamos um contexto da chamada “imprensa alternativa”, desde os tempos da Ditadura Civil-Militar, no Brasil, em geral, e no Rio Grande do Sul, em particular. Especificamente, focamos a ramificação desta imprensa com características contraculturais e direcionada, em particular, à chamada “comunidade *gay*”. Após historiar alguns periódicos atuantes no Brasil, que optaram por esta linha editorial, nosso foco, ao passar para o *Jornal Nuances*, escolhe um tema específico: as narrativas das paradas *gays* em Pelotas. Ao analisarmos estas narrativas, identificamos seja argumentos relacionados à realidade local (os movimentos sociais, o público, administrações municipais e partidos), seja o contexto geral do estado, traçando paralelos entre os eventos realizados em diferentes cidades. Toma especial relevância, na análise destas narrativas, a mudança de denominação: criada inicialmente, em 2002, como “Avenida da Diversidade”, passa a denominar-se, em 2006, “Parada GLBTs de Pelotas”.

A narrativa do *Jornal Nuances*, como destacamos, contém paralelismo com a situação da capital do estado, Porto Alegre, em que mudanças de denominação refletem, na verdade, embates políticos em torno da organização das paradas. Por fim, na quarta seção, como ponto de chegada de nossas reflexões, propomos analisar alguns aspectos da conflagração política que se arma em torno das paradas *gays*, colocando em jogo interesses nem sempre convergentes entre movimentos sociais, administrações municipais e partidos políticos. Sem a pretensão de dar conta de todas as questões envolvidas, nosso foco se detém na desconstrução do próprio discurso, presente no periódico em estudo, nas narrativas que apresentam ao seu leitor o percurso destas jornadas, tecendo comentários que nos permitem não somente interpretar o seu discurso, mas ao mesmo tempo escutar ecos da discussão que se travou, em que atores interessados em associar a sua iniciativa à organização dos eventos se posicionaram a partir de perspectivas diversas, enquanto movimento social, administração pública e partidos.

Exposta esta conflagração, ouvida a partir da fala do braço editorial do *Nuances*, deixamos ao leitor um campo aberto, para indagações, sobre as várias motivações que impulsionavam estes diferentes atores na sua luta em torno da parada. Ao mesmo tempo, refletimos sobre como o fato de que a ocorrência deste embate traduz um reposicionamento da temática homoafetiva no seio da sociedade e, em especial, da cena política. Finalmente ressaltamos a importante contribuição da imprensa voltada a dar visibilidade às comunidades LGBTs.

O *Nuances* – Grupo pela Livre Expressão Sexual

O *Nuances*, Grupo pela Livre Expressão Sexual, é uma organização não governamental, fundada em 1991 e sediada em Porto Alegre. Sua principal missão é a defesa e garantia dos direitos humanos e das políticas públicas voltadas para lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTs),¹ no Estado do Rio Grande do Sul. Foi o primeiro grupo no estado e, nestes mais de 20 anos de atuação, tem desenvolvido vários projetos nas áreas de saúde, educação, direitos humanos e cultura direcionados aos jovens LGBTs. Entre seus projetos, podemos destacar “Gurizada do Barulho”; “Saindo do Armário” e “Entrando em Cena”, bem como projetos voltados para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. “POA Noite Homens” foi o principal projeto nesta área.

Na área da educação, o *Nuances* teve o projeto “Educando para a Diversidade” em que trabalhou com mais de 250 professores das redes municipal e estadual de Educação, debatendo o tema da sexualidade no espaço escolar. Sobre o projeto destacamos, através do livro organizado por Eliane Pasini:

O Educando para a Diversidade é uma realização do Nuances, em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação. É um dos mais de 30 projetos, nacionalmente selecionados e conveniados pela Secad/MEC, no âmbito da formação de profissionais da educação para a promoção da cultura de reconhecimento da diversidade sexual e da igualdade de gênero, em cumprimento ao Programa “Brasil sem Homofobia”. (2007, p. 7).

No campo dos Direitos Humanos, “Rompa o Silêncio” foi um projeto que disponibilizava assessoria jurídica, psicológica e social a pessoas que sofreram algum tipo de discriminação em virtude de sua orientação sexual. Segundo Pasini (2007,p.7), “na perspectiva do enfrentamento e da proposição de leis, constituiu-se o Rompa o Silêncio, um centro de referência que atende a casos de violência e preconceito motivados pela homofobia”.

Uma das ações mais importantes, na esfera pública, em Porto Alegre, foi a alteração na Lei Municipal 350, em seu art. 150, ao determinar a proibição da discriminação nos estabelecimentos comerciais com relação à orientação sexual: “No ano de 1994 foi alterada a Lei Orgânica do município de Porto Alegre, através da proposição do Nuances, na qual foi incluído artigo de não discriminação por orientação sexual”. (GOLIN, 2011, p. 14).

Stonewall e o surgimento dos movimentos LGBTs

Dia 28 de junho é uma data significativa para a militância dos LGBTs. Foi em 28 de junho de 1969, apenas uma semana após a chegada do homem à lua; que explodiu uma rebelião nas ruas de Nova Iorque contra a constante repressão policial sobre o Bar *Stonewall Inn* e seus frequentadores: lésbicas, *gays*, travestis, estudantes, latinos e populares. A rebelião durou cerca de cinco dias. A data ficou na memória como o primeiro grande ato público contra o preconceito aos homossexuais. Em 28 de junho 1970, para relembrar o acontecimento do ano anterior,

lésbicas, *gays*, bissexuais e transexuais organizaram uma caminhada pelas ruas do Greenwich Village. A historiadora Luana Molina (2011, p. 23) nos fala que “a Revolta de Stonewall foi o marco para a organização dos movimentos gays na atualidade”.

Se nos Estados Unidos o movimento pela cidadania e pelos direitos civis de LGBTs surgiu no final dos anos 1960, no Brasil o surgimento remonta ao final dos anos 1970, no contexto da ditadura civil/militar. O movimento LGBT brasileiro surge principalmente através da imprensa alternativa.

Em abril de 1978, na cidade do Rio de Janeiro, surgiu o jornal *Lampião de Esquina*. A redação tinha sede no Rio de Janeiro, mas mantinha uma equipe editorial também na cidade de São Paulo. Sua linha editorial tratava de assuntos como sexualidade, discriminação racial, artes, machismo e ecologia. (TREVISAN, 2000, p. 338). Neste mesmo ano, em São Paulo, surgiu o Grupo Somos e, na Bahia, dois anos mais tarde, o Grupo *Gay* da Bahia.

No final dos anos 1980, com o advento do vírus da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (Sida/Aids), o movimento LGBT brasileiro floresceu e proliferou-se, em decorrência da crescente mobilização em prol da prevenção, que levou, por exemplo, à estruturação em várias capitais brasileiras do Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (Gapa). A partir de então os movimentos LGBTs atuaram com maior visibilidade, proporcionada, por exemplo, por eventos como as paradas.

No caso gaúcho, o movimento organizado tem seu surgimento na década de 1990, e em 1997 surge a proposta da Parada Livre de Porto Alegre. Inicialmente houve uma marcha de 150 pessoas pela Rua José Bonifácio. Nesse mesmo ano, aconteceu a primeira edição na cidade de São Paulo. A partir de então, os movimentos LGBTs começaram a organizar as paradas e marchas, pelos diversos recantos do Brasil, assim como do estado gaúcho.

A imprensa alternativa e contracultura no Rio Grande do Sul

A “imprensa alternativa” teve muita vitalidade no Brasil durante a Ditadura Civil/Militar. Incluindo de jornais de bairros e associações a impressos de Igrejas. Em meio a esta ampla produção, destaca-se um conjunto de publicações, com perfil mais contracultural, que teve um papel significativo na cena política e cultural da época, por serem

contrários à ordem e à moral vigente. É no âmago das possibilidades abertas por esta imprensa alternativa contracultural, que surge espaço para publicações ligadas à temática homossexual.

Especificamente no Rio Grande do Sul, a mídia alternativa contracultural é anterior ao *Lampião da Esquina*. Alguns destes tiveram uma vida efêmera, contando apenas com uma edição. Estes tabloides surgiram no início dos anos de 1970. O historiador Jandiro Adriano Koch levantou alguns destes jornais:

Merecem destaque os alternativos Coojornal, Exemplar, Tchê, Pato Macho, Tição, Correio da Mulher, Peleia, Lado Inverso e Denúncia. O que mais nos interessa, entretanto, é um título aparentemente sem peso, o desconhecido (e quase desaparecido) TRIZ. (2011, p. 120).

O jornal *TRIZ* foi um dos jornais de vida extremamente curta, pois só teve uma edição. Porém, sua publicação em 28 de outubro de 1976 repercutiu não só na cidade de Pelotas, mas também no cenário nacional, através da revista *Veja* (10/11/76). A manchete da capa era *Frescura?*, na qual os editores Ayrton Centeno e Ricardo Lanzeta falavam sobre a conhecida fama da cidade.

Já a historiadora Gláucia Lafuente Monteiro (1997, p. 19), em sua pesquisa, realizada na cidade de Pelotas, sobre o folclore e a representação da fama *gay* que a cidade tem, elenca outro Jornal além do *TRIZ*, “o *Mini Jornal Ponto Gay Club*, escrito por um homossexual [...] era distribuído gratuitamente”. Monteiro também aborda o motivo que levou o alvoroço da cidade em torno do *TRIZ*:

O jornal teria tido apenas uma única edição, devido ao fato, de ter sido distribuído não somente ao público homossexual, mas sim, propositalmente espalhado entre as “nobres famílias pelotenses”, e que, escandalizadas, impediram que um segundo exemplar deste jornal ocorresse. (1997, p. 23).

Passados mais de 20 anos do surgimento do *TRIZ*, em 1998, em Porto Alegre, o recém-fundado *Nuances* – Grupo pela Livre Expressão Sexual trouxe no mês de janeiro a primeira edição do *Jornal do Nuances* (J.N.),² uma publicação bimestral que tinha por objetivo abrir maior diálogo com a sociedade, através de questões que envolvessem sexualidade,

opiniões, cultura e temas afins, no cenário LGBT gaúcho. Segundo o editorial do primeiro número, de janeiro de 1998:

Dando continuidade em nossa jornada, a partir de agora contamos com um incremento de munição – nosso grito vai alcançar mais gente, outras fronteiras. O *Jornal do Nuances* é nossa mais recente forma de interlocução com a sociedade. [...] Com este periódico pretendemos trabalhar questões relacionadas com as sexualidades, quaisquer que sejam suas acepções, gênero, Direitos Humanos, AIDS, opiniões, cultura e “babados”, que andam acontecendo nos cenários locais. Fica esperto!

Sobre a trajetória do J.N., Fernando Luiz Alves Barroso realizou uma esplêndida pesquisa, na qual analisou as posições políticas e ideológicas deste meio de comunicação. Desta forma, ele fez uma apresentação sobre o J.N.:

Trata-se de um jornal *gay*, com periodicidade irregular, em formato tablóide, publicado desde janeiro de 1998, Pelo *Nuances – grupo pela livre expressão sexual*, uma organização não-governamental (ONG) de Porto Alegre (RS), voltada para a defesa dos direitos humanos dos homossexuais. A edição mais recente, de número 38, foi publicada em outubro de 2006. [...] Sua distribuição é gratuita e ocorre em lugares de sociabilidade homossexual, universidades, centros culturais, sindicatos, etc. O Nuances também distribui exemplares em diversas cidades do interior do Rio Grande do Sul. (2007, p. 10).

Pelotas nas páginas do *Jornal Nuances*

Na edição ano 4, n. 20, de ago. de 2002, p. 10, destinada a notícias do interior, divulgava-se:

As manifestações do Orgulho Guei [sic]³ se espriam e alcançam importantes cidades do interior do Rio Grande do Sul. Santa Maria, no centro do estado, ensaiou um ato público no dia 30 de junho, mesma data que escolheu Caxias do Sul, na Serra. Pelotas organizou a Avenida da Diversidade no dia 14 de julho. Foram milhares de pessoas, entre curiosos, assumidas e suspeitos, todos saindo de casa para ver quem teria coragem de demonstrar a cara pelas ruas... (2002, p. 10).

No decorrer do texto, com um tom de ironia, marca do jornal, destaca-se outra parte, na qual menciona a primeira parada *gay* da cidade de Pelotas, a qual tinha como nome “Avenida da Diversidade” e que teve como organizador o Grupo TAMBÉM e apoiador o Grupo Vale a Vida e a Política Municipal de DST/Aids:

Pelotas, a terra natal de todas nós, também agitou-se por causa do *Orgulho Guei* (sic), no dia 14 de julho. Coincidência ou não, comemorava-se o aniversário da cidade... [...] A programação de Pelotas incluiu festas nos boliches gueis (sic), audiência pública no Salão Nobre da Prefeitura e lançamento do Relatório Azul, documento da Assembléia Legislativa do RS que denuncia a violação dos Direitos Humanos. Parabéns para a Ong Vale a Vida, e à Política Municipal de DST/Aids, que participaram do evento. O Grupo TAMBÉM-Pelotas vem reunindo-se há apenas seis meses e já demonstra que só podia ter nascido na Princesa do Sul. Que agora quer ser Rainha.

No decorrer da matéria, o Grupo TAMBÉM-Pelotas e Glos (Caxias do Sul) foram entrevistados sobre como foram organizados os eventos, a recepção e participação do público bem como as expectativas para as próximas edições. Como o presente trabalho está focado na cidade de Pelotas, transcreveremos alguns trechos da entrevista.

Quando o *Gay Pride* se tornou público na cidade, qual foi a reação da comunidade local, aí incluindo-se manifestações da própria população, dos jornais e rádios e do poder público? Quando o TAMBÉM começou a divulgar a Avenida da Diversidade, rapidamente a comunidade pelotense comentava pelas ruas, “finalmente em Pelotas”, “imagina que logo em Pelotas não teria parada guei [(sic)]”. Mas também se ouviu comentários homofóbicos como “Pelotas já tem essa má fama, e agora vão fazer isto?”, embora ínfimos diante da repercussão que o evento começou a tomar com a vasta cobertura da mídia, via TV e rádio. Os jornais, por sua vez, publicaram que “Pelotas entra no calendário da luta contra discriminação”, que “a celebração será oportunidade de sair do gueto, resgatando a cidadania.

Organizar o primeiro dia do Orgulho Guei [sic] em sua cidade certamente deve significar árduo trabalho, satisfações e decepções também. Dá para comentar esse processo? Sem dúvida deu muito trabalho, principalmente porque os pelotenses são, mesmo, muito metidos! A intenção era fazer um pequeno evento para marcar a data,

e a partir daí começar a imaginar algo maior para o próximo ano. Mas o que aconteceu, foi ótimo! Tudo foi tomando uma proporção inimaginável, embora a nossa inexperiência dificultou pensar no grande número de detalhes que demanda um ato público como esse. Percebemos também ter agido de forma bastante ingênua com o poder público e com alguns setores da sociedade que tentaram se utilizar do evento para suas pretensões pessoais. O que de certa forma, colaborou com nosso crescimento político, social e ideológico.

Há expectativas acerca de transformações na cidade, depois do *Orgulho Guei* [sic], das relações dos gueis (sic), entre si e com a comunidade dita hetero? Sem dúvida Pelotas amanheceu outra, na segunda-feira, e entrando em uma nova fase para homossexuais pelotenses. O Também-Pelotas se configurou como um referencial na defesa dos direitos dos homossexuais, e convites para debates com o poder público e com a igreja estão sendo recebidos e agendados. Acreditamos ser este um grande passo para a cidade que jamais discutiu a diversidade sexual.

No ano 4,⁴ n. 24, jul. de 2003, p. 12, desta vez na contracapa, são expostas as paradas *gays* no interior do Rio Grande do Sul, tendo destaque a 2ª Parada Livre de Caxias do Sul, a 2º Parada Livre de Santa Maria, a 1ª Parada Livre de Alvorada e a 2º Avenida da Diversidade em Pelotas. No que tange a questões ligadas a Pelotas, reproduzimos um trecho da nota que conta com a sutil marca do deboche nuanceiro:

No domingo 13 de julho a segunda edição da Avenida da Diversidade agitou a nossa cidade natal, Pelotas, aglomerando mais de 10 mil pessoas na Avenida Bento Gonçalves. [...] O Grupo Também-Pelotas coordenou o evento e usou o microfone para defender a livre expressão das sexualidades e saudar o clima viado⁵ [sic] que tomou conta da terra do doce. [...] O tema da 2ª Avenida é “Educando para a diversidade sexual”, propondo diversas oficinas em escolas públicas de 08 de julho a 12 de agosto.

Em Pelotas, o TAMBÉM tinha por objetivo, além de organizar a parada como momento festivo, realizar uma série de atividades voltadas para a conscientização e que dessem visibilidade ao movimento gay, sem se esquecer do tom ativista do evento, ressaltado no fim da nota do J.N. (ano 4, n. 24, jul. de 2003, p. 12):

Surgido em fevereiro de 2002 entre amigos que tinham necessidades de discutirem as questões que envolvem as homossexualidades, o grupo cresceu e hoje promove, além da Avenida, discussões sobre o tema em universidades e nos meios de comunicação. O TAMBÉM aproveitou a ocasião da Avenida para alertar o povo contra oportunismo de certos personagens que apenas querem tirar vantagens pessoais através da autopromoção. (2003, p. 12).

Na edição ano 5, n. 29 ago. de 2004 p. 12, as paradas das cidades de Caxias do Sul, Santa Maria, Pelotas e Alvorada eram os destaques da página. No entanto, o texto do jornal faz menção ao ato de que, através das paradas e marchas, a comunidade LGBT gaúcha tem conquistado seu espaço no interior do estado.

A exposição dessa população no interior do estado é importante fato, que propõe a conquista de um espaço para que cada cidadão e cidadã possa expressar sua sexualidade o ano inteiro não apenas no dia da parada, em qualquer lugar não só nos grandes centros. [...] A última de que temos notícia ocorreu em Arroio Grande, cidadezinha a 100km de Pelotas, no dia 24 de julho.

Seguindo na matéria, no que concerne a Pelotas, há uma nota sob o título: *Pelotas traz novidades na III Avenida da Diversidade*.

Na semana seguinte, 11 de julho, durante uma tarde que só poncho e mate espantavam o frio úmido, a III Avenida da Diversidade reuniu 15 mil pessoas no Parque Dom Antônio Zattera, centro da nossa cidade. [...] A marcha aliás, foi a grande novidade deste ano! Por 7 quadras, 3 carros com caixas sonoras fizeram muito barulho para agitar o cortejo. Viva a Diferença, foi o slogan que funcionou como saudação a todas as formas de expressões da sexualidade. [...] O Nuances estava lá também, dando a maior força para que a Princesa do Sul permaneça como Capital Guei do Brasil. Aguardamos 2005 para ver novamente a principal Avenida de Pelotas tão colorida, alegre e despida de preconceitos.

Nota-se que, nos anos anteriores, a caminhada ainda não se fazia presente na Avenida da Diversidade, segundo o que nos indica o jornal. Observe-se ainda que, com o avanço das edições, o número de

participantes foi aumentando, podendo-se daí deduzir uma “aceitação” da comunidade pelotense com relação ao evento.

Na edição ano 6, n. 34 de ago. de 2005, p. 9, desta vez numa página central do jornal, a parada livre de Porto Alegre dividiu espaço com as paradas do interior do estado, tendo como título da matéria:

Muitas Paradas Livres (pelo RS adentro), como apresenta a matéria, naquele momento já haviam ocorrido a 4ª parada livre de Santa Maria, a 4 Avenida da Diversidade –Pelotas, a 3º Parada do orgulho Gay de Alvorada e duas novas cidades começaram: Viamão e São Leopoldo. Também foi anunciado a 4ª Parada Livre de Caxias que ocorrerá no dia 25 de setembro.

Nesta edição, o texto de introdução da matéria nos faz crer que, no Rio Grande do Sul, foi a partir dos anos 2000 que a bandeira da visibilidade LGBT começou a avançar:

Cada vez mais se espraia a vontade dos gaúchos e gaúchas homossexuais de declararem publicamente sua vontade de ter um estado mais diverso, um Rio Grande do Sul em que possam considerar-se cidadãos e cidadãs.

Seguindo a análise sobre como foi a repercussão da 4ª Avenida da Diversidade, que aconteceu no dia 10 de julho de 2005, em Pelotas:

Um público em 40 mil pessoas (as nuances lá no meio, conferindo de perto o brilho pelotense) lotou a Avenida Bento Gonçalves para acompanhar a 4ª Avenida da Diversidade, que começou no início da tarde com shows performáticos e musicais e foi noite adentro com uma rave aberta. A parada propriamente dita foi o que mais chamou a atenção do povo, amontoado sobre as calçadas e canteiros para assistir ao balanço das pelotenses mais assumidas da paróquia. Até os simpatizantes se assumiram dessa vez! Das janelas dos edifícios famílias inteiras acompanhavam a passagem dos dois trios elétricos cheios de drag queens e travestis, cujos seios atiravam beijinhos para todos os lados. Guris dançantes também davam o ar em cima dos trios ao som eletrônico dos Djs, e isso contrastou com a marcha mais comportada daqueles que seguiam à pé e apitavam para chamar atenção do público, numa alusão ao slogan deste ano: Rompa o Silêncio!

A Avenida da Diversidade teve a sua última edição em julho de 2005. Já que a nova gestão da Prefeitura Municipal de Pelotas passou a organizar o evento conjuntamente com outras organizações. Na edição de 2006, que ocorreu no dia 23 de julho, já não contava mais com o nome de Avenida da Diversidade, mas sim Parada GLBTS de Pelotas. O *Jornal do Nuances* publicou, na edição ano 9, n. 37, de setembro de 2006, o manifesto feito pelo Grupo TAMBÉM-Pelotas, contrário à nova direção que a Parada *Gay* tomava:

O Grupo Também defende a diversidade sexual! Acreditamos que todo ser humano é livre e pode expressar sexualmente sua afetividade sem culpa e com orgulho. Lutamos contra o preconceito e a discriminação usando como arma a educação, o debate e o diálogo com a sociedade civil. Com esse objetivo criamos em 2002 a I Avenida da Diversidade, uma proposta concreta de celebração e visualização da diversidade sexual na cidade de Pelotas. As quatro edições do evento levaram à Avenida Bento Gonçalves mais de 50 mil pessoas. Sempre contamos com o apoio da Prefeitura Municipal de Pelotas, por esta entender que é o movimento social que tem legitimidade para coordenar e organizar eventos dessa natureza, ou melhor, este era o entendimento da Prefeitura... Este ano a prefeitura optou por ela própria organizar o evento, junto com a ONG AIDS, retirando assim o apoio à Avenida da Diversidade e fazendo um evento turístico de inverno que em nada lembra as lutas dos homossexuais por visibilidade e respeito. Aconteceram atos que sempre condenamos e não permitíamos na Avenida da Diversidade, como por exemplo, o uso de microfones para a promoção pessoal. [...] Consideramos o que aconteceu este ano um grande retrocesso no caminho que o grupo Também Pelotas estava traçando na luta por um horizonte mais amplo e democrático, no qual o respeito à diversidade era o foco, não o turismo, a fama de alguns e a hipocrisia do poder público municipal. [...]

No mesmo número, o *Nuances* deixou clara sua opinião sobre o fato ocorrido, já que em Porto Alegre também houvera uma ruptura entre a organização da Parada Livre em 2005, desde então havendo duas manifestações: uma marcha em junho, denominada *Mini-Parada* e a *Parada Livre*, que tradicionalmente ocorre na Primavera (entre os meses de setembro e novembro):

A Parada GLBTS de Pelotas aconteceu no domingo do dia 23 de julho. Leia o Manifesto do grupo guei TAMBÉM, que organizou a primeira manifestação em comemoração do dia 28 de junho em Pelotas, há 4 anos. Parece que o movimento homossexual enfrenta os mesmos problemas pelo Rio Grande afora...

Nesta mesma edição, na página central do jornal, o *Nuances* publicou uma matéria, comentando a trajetória das *Paradas Livres* de Porto Alegre, na qual há uma pequena nota explicando o motivo de haver duas marchas desde o ano 2005:

E daí a perguntinha: por que nesses últimos dois anos houve duas paradas? Para responder, vale assinalar que as nuanceiras, por não cultivarem a ingenuidade política, não compactuam com os interesses que forem pessoais de Partidos Políticos, Empresas ou Governos. Como as nuanceiras, a população precisa ficar muito atenta e refugar quem apenas deseja aproveitar a ocasião para defender a normalidade como bandeira de gueis, lésbicas e travestis, que deveriam segundo esses interesses ser comportadinhas e domesticadinhas... Amiga, nada de virar produto de consumo representado pelo mote do “orgulho da identidade LGBT”! Nada disso! As finas dependências do Nuances não servem de palanque eleitoral ou local de ensaios para galgar cargos de confiança em gabinetes.

O editorial da edição ano 9, n. 38, de outubro de 2006, trata justamente do tema da relação entre movimento social e Estado, na qual apresenta uma visão de que estes dois possuem uma relação delicada:

O movimento social surgiu em decorrência da falta de soluções para os graves problemas sociais e políticos que as populações enfrentam no dia a dia. Estes problemas são mais graves nas sociedades menos desenvolvidas economicamente, onde milhões de pessoas não têm seus direitos sociais e econômicos garantidos. [...] Nas décadas de 80 e 90, depois da redemocratização do país, outras questões além dos direitos civis, agrários, econômicos começaram a fazer parte da agenda política no Brasil. As demandas de grupos de mulheres, portadores de HIV/Aids, crianças, juventude, prostitutas, michês, negros, populações indígenas, portadores de necessidades especiais, gueis, lésbicas, transexuais, bissexuais e tantos outros surgiram como protagonistas de suas histórias, dando outra dinâmica na conjuntura política da

sociedade brasileira e latino-americana. Isto tudo contribui para um novo cenário, em que a noção de democracia vinculada ao direito de decidir pelo voto foi sendo ampliada e superada. O papel do movimento social é de fiscalizar, pressionar e denunciar os governos a darem respostas às questões sociais que afetam a vida dos cidadãos e cidadãs, revelando para o conjunto da sociedade as violações a que estão submetidos.

A conflagração política das Paradas Gays: tensões entre os movimentos sociais, as administrações municipais e as ingerências partidárias

As páginas do J.N., no período estudado, apresentam-nos a consolidação de sua opinião sobre a relação entre o movimento social e o Poder Público: o entendimento de que os movimentos sociais não devam estar associados a governos e a partidos, pois isso representaria a perda da essência revolucionária. Ao mesmo tempo, apontam que a comunidade *gay* não deva ser ingênua perante a manipulação das paradas por interesses político-partidários e pessoais. Destaca-se aqui três trechos, de 2002, 2003 e 2006, que avançam nesta direção, seja expressando o pensamento da linha editorial, seja reproduzindo o pensamento de atores sociais, como o Grupo TAMBÉM-Pelotas:

Percebemos também ter agido de forma bastante ingênua com o poder público e com alguns setores da sociedade que tentaram se utilizar do evento para suas pretensões pessoais. O que de certa forma, colaborou com nosso crescimento político, social e ideológico. (J.N., ano 4, n. 20, ago. 2002, p. 10).

O TAMBÉM aproveitou a ocasião da Avenida para alertar o povo contra oportunismo de certos personagens que apenas querem tirar vantagens pessoais através da autopromoção. (Ano 5, n. 24, jul. 2003, p. 12).

[...] prefeitura optou por ela própria organizar o evento [...] fazendo um evento turístico de inverno [...] [e] atos que sempre condenamos [...] [como] o uso de microfones para a promoção pessoal [...], o turismo, a fama de alguns e a hipocrisia do poder público municipal. [...] (Excertos da transcrição do manifesto do Grupo Também Pelotas, ano 9, n. 37, set. 2006).

Percebe-se que *Nuances* e TAMBÉM compartilham a mesma retórica, baseada na polarização binária entre, de um lado, como polo positivo, o movimento legítimo (ou o governo, quando reconhece o protagonismo e a independência dos movimentos), que representa os anseios da comunidade LGBTs, em prol da conquista de seus direitos e liberdade, e, de outro lado, como polo negativo, os interesses político-partidários e pessoais, que se aproveitariam do movimento, e, no caso da parada *gay*, para alcançar seus interesses. No polo positivo, estariam, em Pelotas, em 2002, a Ong Vale a Vida, o grupo TAMBÉM e a Prefeitura Municipal, com sua Política Municipal de DST/Aids, e, em Caxias, o grupo Glos, responsável pelas paradas livres. No polo negativo, os governos municipais de Pelotas e Porto Alegre, quando tentaram se apoderar da organização das paradas, bem como organizações sociais que, em prol de interesses pessoais ou políticos, teriam se associado, sob o ponto de vista do J.N., ao poder municipal e político-partidário, como a ONG AIDS, em Pelotas.

No texto de 2002, posiciona-se de forma complexa diante deste fato, pois, ao mesmo tempo em que delata que “o poder público e [...] alguns setores da sociedade [...] tentaram se utilizar do evento para suas pretensões pessoais”, considera que, apesar disso, acabaram colaborando com o crescimento do movimento. Nos textos de 2003 e 2006, contudo, o foco se concentra em delatar o uso das paradas para promoção de interesses pessoais, partidários e governamentais, indicando o aumento da tensão e conflito envolvido na organização das paradas.

A riqueza destas passagens, portanto, não está somente no fato de nos revelarem a compreensão que tiveram deste processo os responsáveis pelo *Nuances* e pelo TAMBÉM-Pelotas, mas igualmente no fato de indicarem o próprio processo, ocorrido ao longo da primeira década do século XXI: na medida em que as paradas *gays* se fortaleceram, adquiriram visibilidade, tornaram-se objeto de disputa, entre diferentes organizações (como, em Pelotas, entre TAMBÉM e ONG AIDS), ou entre Poder Público e organizações (como as prefeituras municipais de Porto Alegre e de Pelotas, e, respectivamente, os movimentos *Nuances* e TAMBÉM). E, como resultado destas disputas, ocorreu em Pelotas e Porto Alegre um fenômeno análogo, que perdura até hoje na capital do estado e se repetiu em diferentes edições em Pelotas: a duplicidade de paradas *gays* anuais. Do mesmo modo, desde 2003 consolidava-se o conceito de Parada Livre, compartilhado por organizadores de várias cidades do estado, como

Caxias do Sul, Alvorada e Santa Maria. A instrumentalização político-partidária do movimento *gay* e das paradas tornou-se portanto uma preocupação constante de certas correntes, representadas, aqui no estado, por exemplo, pelo próprio *Nuances* e pelo TAMBÉM, em Pelotas.

Darlei de Andrade Dulesko (2004, p.134-135), ao analisar a construção da identidade homossexual em Porto Alegre, através do *Nuances*, aponta que os militantes do *Nuances* possuem uma visão de que somente o movimento social, através dos militantes e da militância, podem e têm legitimidade para protagonizar a luta pela conquistas dos direitos.

No discurso dos participantes do grupo, [...] se consideram engajados e não demonstram esperar ajuda de alguma entidade ou do próprio Estado, mostrando-se independentes e com receio de que o Estado, partidos políticos, ou pessoas que queiram promoção individual usem o nome do movimento ou da causa, ocorrendo assim conflitos com outros movimentos desse caráter.

Tais fatos nada mais fazem do que revelar, através de uma de suas facetas, a dimensão que a temática da diversidade sexual adquiriu no cenário contemporâneo, promovida à centralidade de debates políticos. O fato de o Poder Público municipal querer vincular sua imagem à organização de paradas *gays*, inconcebível algumas décadas atrás, mesmo que possa resultar de interesses e manipulações políticas, revela que algo mudou profundamente em nossa sociedade, no que tange ao espaço dos LGBTs.

Considerações finais

A existência de um movimento LGBT moderno no Brasil se deve, sobretudo, ao importante 28 de junho de 1969, já que impulsionou vários jornais alternativos e movimentos que acreditavam em uma sociedade mais justa e igualitária, com a conquista de direitos e liberdade para a população homossexual. Se o *Lampião da Esquina* foi o percussor, narrador e voz ativa do surgimento dos movimentos LGBTs em uma esfera nacional; o *Nuances*, por sua vez, contribuiu para a escrita da história, narrando o surgimento dos movimentos LGBTs no Rio Grande do Sul. O *Nuances* utilizou uma ferramenta que andava um pouco

esquecida: a mídia impressa alternativa, e transformou-a em uma ferramenta para a visibilidade da comunidade *gay* gaúcha; dos guetos da noite à luz do dia em praça pública.

Não nos compete aqui tomar partido sobre as interfaces entre o(s) movimento(s) *gay*(s) e a esfera político-partidária, mas sim interpretar este processo a partir das páginas do *Nuances*. Contudo, não há como se desconsiderar o papel da mídia alternativa contracultural para a conquista dos direitos usufruídos atualmente, haja vista sua atuação em defesa das minorias, já em plena ditadura civil-militar brasileira, e nos primeiros anos da democracia ainda florescente dos anos 1980, opondo-se não somente ao autoritarismo político, mas ao conservadorismo cultural e comportamental que tolhia a liberdade destas minorias. Exemplos deste vanguardismo e coragem se encontram nas folhas do *Lampião da Esquina*, da Bahia, e do *TRIZ*, de Pelotas. Daí o papel, ainda atual e necessário, da imprensa independente, como a da *Nuances*, atuando em favor dos movimentos LGBTs, da sua visibilidade e de suas conquistas sociais, pois, para além das conquistas de extrema importância já obtidas, existem ainda muitas pautas para serem reivindicadas.

A presente comunicação não é um estudo definitivo, pois as páginas do *Jornal do Nuances* possibilitam diversas análises nos campos social, cultural, histórico e político. As páginas do *Nuance* viram florescer, nos diversos recantos do Rio Grande do Sul, o movimento LGBT e a cena *gay* gaúcha, sendo um precioso documento para novas pesquisas.

Agradecimento:

Somos gratos ao professor Marcos Ronei Peverada Fernandes pela disponibilização do acervo pessoal do *Jornal do Nuances*, sem o qual esta pesquisa não seria viável.

Notas

¹ A partir daqui, denominado, alternadamente, como LGBT.

² A partir daqui, denominado, alternadamente, como J.N.

³ Na edição do *Jornal do Nuances*, encontra-se sempre a grafia “guei”, alternativa adotada deliberadamente ao uso da grafia original inglesa, *gay*, já incorporada ao nosso léxico. A opção não

se deve a um erro, mas a querer dar um significado político através da grafia.

⁴ No trabalho com o J.N., verificou-se que há duas edições de anos diferentes, mas que contêm o mesmo Ano, sendo as seguintes: Ano 4, n. 20, ago. 2002 e Ano 4, n. 24, jul. 2003.

⁵ No trabalho com os jornais, verificou-se que o *Nuances* utiliza o termo *viado* para referenciar os LGBTs

Referências

BARROSO, Fernando Luiz Alves. *Jornal do Nuances: a prática midiática de uma ONG de Porto Alegre – RS para o confronto político entre o “gay classe média” e a “bicha bafona”*. 2007. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação da UNISINOS) – Unisinos, São Leopoldo, 2007.

DULESKO, Darlei de Andrade. *Os caminhos de uma organização na construção de uma identidade homossexual em Porto Alegre*. Porto Alegre: PUC, 2004.

KOSCH, Jandiro Adriano. *(Tr)reflexões & ensaios*. Lageado: Ed. da Univates, 2011.

MOLINA, Luana. Pluralizando a arte de amar: a homossexualidade e a historiografia da trajetória do movimento homossexual. *Métis: História & Cultura*, v. 10, n. 20, jul./dez. 2011.

MONTEIRO, Gláucia Lafuente. *O folclore gay de Pelotas: sobre uma representação que se atualiza na história da cidade*. 1997. Monografia (Conclusão do Curso de História) – UFPel, Pelotas, 1997.

PASINI, Eliane (Org.). *Educando para a diversidade*. Porto Alegre: Nuances, 2007.

GOLIN, Célio. A pederastia entra na cena pública: decisão do STF tira do armário homofóbicos conservadores. In: RIOS, Roger Raupp; GOLIN, Célio; LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo (Org.). *Homossexualidade e direitos sexuais: reflexões a partir da decisão do STF*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Fontes impressas

Jornal do Nuances. Porto Alegre, ano 1, n. 1, jan. 1998.

_____. Porto Alegre, ano 4, n. 20, ago. de 2002.

_____. Porto Alegre, ano 4, n. 24, jul. 2003.

_____. Porto Alegre, ano 5, n. 29, ago. 2004.

_____. Porto Alegre, ano 6, n. 34, ago. 2005.

_____. Porto Alegre, ano 9, n. 37, set. 2006.

_____. Porto Alegre, ano 9, n. 38, out. 2006.

